

**MAPEAMENTO DOS ESTUDOS SOBRE IDEOLOGIA LINGUÍSTICA NO
BRASIL¹**

Michel Soares do CARMO

micheldocarmolettras@gmail.com

Universidade Federal de Goiás (UFG)

RESUMO

A linguística no Brasil tem se desenvolvido bastante desde a década de 60. Nesse contexto de estudos, as discussões sobre as relações entre língua(gem) e ideologia tem sido variadas. Porém, há uma área específica de pesquisa sobre *Ideologias Linguísticas* e que já possui produção teórica desde a década de 1970 fora do Brasil. Tal área tem como conceito chave o de ideologia linguística. Há já muitos textos publicados sobre o assunto, tanto que já foram feitas resenhas/antologias sobre o desenvolvimento da área, como se verifica em Woolard e Schieffelin (1994) e Kroskrity (2004). Este artigo busca mapear essa área de estudos no Brasil, por meio de uma pesquisa bibliográfica nos portais da Capes e Scielo. Os resultados mostraram que há apenas dois trabalhos que discutem explicitamente essa área, que ambos são recentes (século XXI) e que tendem a se concentrar em apenas um tópico possível dos estudos de ideologias linguísticas.

Palavras-Chave: ideologia linguística; Brasil; artigos; levantamento.

1. INTRODUÇÃO

A Linguística no Brasil tem se desenvolvido bastante desde a década de 60. Dentro desta macro-área, o conceito de ideologia tem sido sempre influente nas análises em algumas subáreas, como as que estudam discurso, por exemplo. E, por isso, as relações construídas entre língua(gem) e ideologia têm sido variadas, mas é comum a noção de que “ideologias culturais e políticas são constituídas, codificadas e representadas na língua” (WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 55)².

Porém, há uma área específica de pesquisa de *Ideologias da linguagem* ou *Ideologias Linguísticas*. Tal área já possui produção teórica desde a década de 1970 fora

¹ Adaptado do artigo apresentado como requisito para conclusão de curso, sob orientação da Profa. Dra. Joana Plaza Pinto, UFG. Gostaria de agradecer às considerações e sugestões pertinentes do prof. Dr. André Marques do Nascimento após a avaliação do artigo.

² Todas as traduções dos artigos resenhados, Woolard e Schieffelin (1994) e Kroskrity (2004), feitas neste artigo são de minha responsabilidade.

do Brasil e tem como conceito chave o de ideologia linguística, que será tratado na próxima seção, pois “há tanta variação cultural em ideias sobre a fala quanto há em formas sobre a fala em si mesma” (WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 55). Há já muitos textos publicados em inglês sobre o assunto, tanto que já foram feitas resenhas/antologias sobre o desenvolvimento da área, como se verifica em Woolard e Schieffelin (1994) e Kroskrity (2004).

Mas, e quanto ao Brasil? Esta área de pesquisa dentro da linguística tem se desenvolvido aqui? Como o conceito de ideologia linguística é elaborado por pesquisadores/as brasileiros/as? São estas questões que este artigo busca responder por meio de uma pesquisa bibliográfica nos portais de periódicos da Capes e Scielo. Para isso, primeiro resenhou-se duas revisões de estado da arte da área, com dez anos de diferença entre elas, os quais serão apresentados a seguir e, em seguida, apresentou-se a busca dos artigos e discutiu-se os resultados.

2. DELIMITANDO O CONCEITO DE IDEOLOGIA LINGUÍSTICA

Nesta seção apresento as resenhas de duas revisões representativas do estado da arte da área de estudos de ideologias linguísticas. Os artigos apresentam e discutem o conceito de ideologia de linguística e seu impacto para a Linguística.

Em *Language Ideology*, Woolard e Schieffelin (1994) discutem o surgimento e desenvolvimento dos estudos sobre ideologia linguística, bem como esse conceito. Após uma breve introdução e conceituação do que tem sido tratado como ideologia linguística, em tópicos, as autoras discutem abordagens de áreas distintas ao conceito. Já na introdução, elas deixam claro que “Ideologias da linguagem são tão importantes para o social quanto as análises linguísticas porque elas não são sobre língua somente. Mais que isso, tais ideologias preveem e reproduzem ligações que associam línguas a grupos e identidades pessoais, à estética, à moralidade e à epistemologia” (WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 55-56).

Ainda na introdução (WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 56), as autoras apontam que uma das metas do estudo de ideologias linguísticas é mostrar a especificidade das visões sobre língua e que os pesquisadores de língua(gem) devem

focar-se na dimensão ideológica e aguçar o entendimento de questões linguísticas entre estudantes de ideologia, discurso e dominação social.

No tópico seguinte (O que é ideologia linguística?), se discute como tem se definido o termo. Ideologia(s) linguística(s) tem sido definida como:

- “conjunto de crenças sobre língua articulado por usuários como uma racionalização ou justificação de percepção da estrutura e do uso linguístico” (SILVERSTEIN, 1979 apud WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 57);

- “ideias autoevidentes e objetivos que um grupo mantém acerca dos papéis da língua nas experiências sociais de membros de modo que eles contribuam para a expressão do grupo” (HEATH, 1977 apud WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 57);

- “o sistema cultural de ideias sobre relações sociais e linguísticas, juntas com sua carga de interesses morais e políticos” (IRVINE, 1989 apud WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 57).

- “corpos compartilhados de noções de senso comum sobre a natureza da língua no mundo” (RUMSEY, 1990 apud WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 57).

No entanto, de acordo com Woolard e Schieffelin (1994, p. 57), há distinções na concepção de ideologias linguísticas, segundo critérios variados, por exemplo, enquanto Rumsey (1990) propõe uma definição neutra de ideologia linguística, Silverstein (1979) concentra as ideologias linguísticas dentro de uma categoria mais geral: a metalinguística, sendo que, enquanto a metalinguagem se mostra uma condição suficiente para se identificar ideologia, os conceitos de ideias autoevidentes e noções de senso comum podem dificultar sua elicitación direta, pois

embora ideologia em geral seja frequentemente tida como explicitamente discursiva, teóricos influentes têm visto isto como comportamental, pré-reflexivo ou estrutural, isto é, uma organização de práticas de significação não em consciência mas em nas relações vividas” (WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 58).

Woolard e Schieffelin (1994, p. 58) discorrem ainda que pesquisadores desta área de pesquisa compartilham “uma visão de ideologia como enraizada em ou responsiva à experiência de uma posição social particular”, sendo assim, “o termo ideologia nos lembra que as concepções culturais que estudamos são parciais, contestáveis e contestadas, e carregadas de interesses”. Esta visão retira o tom

naturalizante dos estudos da linguagem, o que configura um grande avanço para uma Linguística mais voltada para o social.

Muitas tradições metodológicas e tópicos têm encorajado a dar-se atenção a concepções culturais de língua e são estas abordagens a ideologias linguísticas que são revisadas, inclusive bibliograficamente, por Woolard e Schieffelin (1994), por meio dos tópicos: etnografia da fala; contato linguístico, competição e política; doutrinas de correção, padronização e purismo; alfabetização; estudos culturais; ideologia, estrutura linguística e mudança linguística; variação e contestação na ideologia.

A etnografia da fala, por exemplo, tem estudado a base de crenças acerca da língua em outras formas culturais e sociais. Diferentemente, no segundo tópico, por exemplo, Woolard e Schieffelin (1994, p. 60) apontam que “pesquisas sobre lutas autoconscientes contra a língua em comunidades socialmente estratificadas e especialmente naquelas multilíngues tratam ideologias linguísticas como social, política e/ou linguisticamente significantes”. Ainda neste cenário, contato linguístico, competição e política, as variedades das línguas que são normalmente associadas, ou ainda indexadas, a determinados falantes são frequentemente revaloradas, passando a serem vistas não somente como símbolos de identidade do grupo mas também como emblemas políticos, sociais, intelectuais e, assim, dignas de moral.

A abordagem destes tópicos, apesar de ser avaliada pelas autoras como apenas ilustrativa, é muito exemplar e pertinente, pois serve justamente para mostrar que as áreas de estudos dos tópicos acima, tendo em vista sua percepção de língua, tendem a formar conversas/argumentações diferentes, variando os temas sociais e linguísticos que abordam. Isto mostra que as ideologias sociais são inseparáveis das linguísticas e atuam de maneira dialógica relacionando os níveis e hierarquias, o que é reiterado em suas considerações finais, nas quais Woolard e Schieffelin (1994, p. 72) enfatizam ainda que

o tópico de ideologia linguística é uma ponte necessária entre as teorias sociais e linguísticas, pois ele relaciona a microcultura da ação comunicativa a considerações político-econômicas de poder e inequidade social, confrontando limitações macrossociais sobre comportamento linguístico.

Dez anos depois, em revisão atualizada sobre o tema, Kroskrity (2004, p. 496), em seu artigo *Language Ideologies*, inicia sua introdução afirmando algo que acontece em algumas linhas teóricas da Linguística: “‘Pensamentos sobre língua’ de seus falantes têm sido negligenciados, dispensados, depreciados ou não permitidos como de estudo e interesse até relativamente recentemente”. Ele continua expondo justamente o oposto, uma vez que “tais racionalizações são tipicamente múltiplas, contextualmente limitadas e necessariamente construídas a partir da experiência sócio-cultural do falante” (KROSKRITY, 2004, p. 496).

Mais à frente, em consonância com Woolard e Schieffelin (1994), Kroskrity (2004, p. 496) diz que “não há uma unidade particular neste imenso corpo de pesquisa, nenhuma literatura de base, e há uma gama de definições”, mas que, de qualquer forma, os estudos de “ideologias linguísticas proporcionam uma alternativa para explorar-se a variação em ideias, ideais e práticas comunicativas”.

Ao tratar de como se tem dado os processos de definição de ideologias linguísticas, Kroskrity (2004) aponta que frequentemente mostram a tensão entre enfatizar a “consciência” do falante, como uma forma de agência, e priorizar sua “integração” nos sistemas culturais e sociais em que são desenvolvidas. Ele aponta ainda que:

Ideologias linguísticas são vistas como múltiplas e construídas a partir de perspectivas político-econômicas específicas que, por sua vez, influenciam “a ideias culturais sobre língua. Certamente, ideologias linguísticas não são meramente aquelas ideais que se originam da “cultura oficial” da classe dominante, mas antes, um conjunto mais ubíquo de diversas crenças, que podem ser, entretanto, implícitas ou explícitas, usadas por falantes de todos os tipos como modelos para construir de avaliações linguísticas e engajar em atividades comunicativas (KROSKRITY, 2004, p. 497).

Para concluir sua introdução, Kroskrity (2004, p. 498) define que “ideologias linguísticas são crenças, ou sentimentos, sobre línguas como usadas em seus [do falante] mundos sociais”. Na sua seção seguinte, ele aborda o desenvolvimento conceitual de ideologias linguísticas. Para tal, ele inicia com o pensamento pioneiro de Silverstein que defendia que “a consciência linguística e racionalizações do falante sobre sua estrutura e uso foram frequentemente fatores críticos na moldagem da evolução da estrutura de uma língua” (KROSKRITY, 2004, p. 498).

A importância de Silverstein, e de seu artigo de 1979, conforme expõe Kroskrity (2004, p. 499-500), está não somente no resgate da consciência linguística, mas também nas negligenciadas funções não-referenciais da linguagem. Esta mudança para modelos semióticos, como de Pierce, foi fundamental, sendo eles que:

Reconheciam uma larga variedade de relações “pragmáticas” focada em signos entre estes signos e o mundo. Uma das vantagens teóricas chave, para pesquisadores, destes modelos semiótico-funcionais é seu reconhecimento de que muitos “significados” que formas linguísticas têm para seus falantes emergem de conexões “indexais” entre os signos linguísticos e fatores contextuais de seu uso (KROSKRITY, 2004, p. 500).

Na seção seguinte, Kroskrity (2004) aponta cinco níveis de organização das ideologias linguísticas. O primeiro é acerca dos interesses do grupo ou individuais: ideologias linguísticas representam a percepção da língua e discurso que é construída a partir de interesses de um grupo específico, seja cultural ou social. São baseadas em experiências sociais e vinculadas a interesses político-econômicos. Nesta ideologia está a de padronização da língua, a qual

Promove “o processo de subordinação linguística” que equivale a um programa de mistificação linguística empreendido por instituições dominantes concebidas para simultaneamente valorizar a língua padrão e outros aspectos da “cultura mainstream [regular]” enquanto desvaloriza a não-padrão e suas formas culturais associadas (KROSKRITY, 2004, p. 502).

O segundo nível trata de sua multiplicidade, isto “por causa de sua pluralidade de divisões sociais significantes (classe, gênero, clã, elites, gerações, assim por diante) dentro de grupos socioculturais que têm o potencial de produzir divergentes perspectivas expressadas como índices de adesão ao grupo.” (KROSKRITY, 2004, p.503). Isto se dá por serem as ideologias linguísticas alicerçadas em experiências sociais que não são nunca uniformemente distribuídas por todos os estados de qualquer escala. Esta diversidade interna pode ser vista como uma força motora em mudança linguística, o que gera contestação, confronto ou disjunções em que perspectivas ideológicas divergentes de língua e discurso são justapostas, resultando em uma ampla variedade de resultados.

A consciência dos falantes é o terceiro nível proposto por Kroskrity (2004, p. 505), sendo que ela pode apresentar graus variados. O autor sugere uma relação correlacional entre altos níveis de consciência discursiva e contestação ativa e saliente de ideologias e, por contraste, a correlação de consciência prática com ideologias definitivamente dominantes relativamente incontestadas, altamente naturalizadas.

Os tipos de locais em que ideologias linguísticas são produzidas e comentadas constituem outra fonte de variação no nível de consciência dos usuários. Susan Philips (2000, apud KROSKRITY, 2004, p. 505) “desenvolve a noção de multi-localização para reconhecer como ideologias linguísticas podem ser indexalmente atadas, de maneiras complexas e sobrepostas, para mais de um local – seja um local de produção ideológica ou um lugar de comentário metapragmático”. É essencial dizer que

a importância de tratar a consciência como uma dimensão da ideologia é ao mesmo tempo o reverso de uma tradição de pesquisa de deslegitimação das visões sobre língua das pessoas comuns (...) e o reconhecimento que quando os falantes racionalizam suas línguas, eles dão o primeiro passo para mudá-la (Siverstein, 1979). (KROSKRITY, 2004, p. 507)

O quarto nível é de função mediadora das ideologias linguísticas, sendo que os “usuários, ao construir ideologias linguísticas, mostram a influência de sua consciência em sua seleção de aspectos de ambos os sistemas social e linguístico que eles não distinguem e em conexões entre os sistemas que eles constroem” (KROSKRITY, 2004, p. 507). Aqui aparecem três aspectos produtivos semioticamente baseados que subjazem muitos raciocínios de ideologias linguísticas, são eles: iconização, recursividade fractal e apagamento (cf. IRVINE; GAL, 2000).

Para Kroskrity (2004), a iconização é uma característica de representação das línguas e de seus aspectos, como o pictorial, que guiam para a natureza dos grupos. A recursividade fractal, trata da capacidade dos falantes de algumas línguas incorporarem “recursivamente” links icônicos de outras línguas ou de outras comunidades para usar nas suas línguas/situações contextuais locais. Apagamento da diferenciação é uma desatenção seletiva a formas frequentemente desregradas de variação que não se encaixam nos modelos dos falantes e/ou linguistas, isto é, a invisibilização de línguas e falantes. Portanto, “ideias sobre língua emergem de experiências sociais e influenciam

profundamente a percepção de formas linguísticas e discursivas e estas formas, por sua vez, agora saturadas por ideologias culturais, fornecem uma reprodução microcultural do mundo político-econômico do usuário da língua” (KROSKRITY, 2004, p. 508-509).

O quinto nível a que se refere concentra-se no papel das ideologias linguísticas na criação e representação de várias identidades sociais e culturais. Este nível propõe que a unidade alcançada é fundamentada por padrões de estratificação linguística que subordinam aqueles grupos que não comandam o padrão. Se destaca também, segundo Kroskrity (2004, p. 511), o papel das ideologias linguísticas na produção de estratificação étnica, as quais “são explícitas tentativas de direcionar mudanças culturais e de alterar as identidades de pessoas através tanto de assimilação quanto conversão”.

Kroskrity (2004, p. 512), no mesmo caminho que Silverstein (1979) e Woolard e Schieffelin (1994), conclui reafirmando a importância da “influência da consciência do falante seja em sistemas linguísticos ou sociais, o papel constitutivo da linguagem na vida social, e os múltiplos caminhos pelos quais a ideologia da linguagem e do discurso constroem identidade”.

Desta forma, temos que tanto Woolard e Schieffelin (1994) quanto Kroskrity (2004) apresentam avanços importantes ao pensarem como ideologias sobre linguagem impactam nossos socialmente e como o contexto social impactam as ideologias. Para além disso, ao trazerem reflexões de como isto tem estado já presente em diversos campos de estudo, mas muitas vezes de maneira mais intuitiva, como apontam Woolard e Schieffelin (1994), e de como pensar formas de sistematização da organização de ideologias sobre linguagem, no caso de Kroskrity (2004), ambos auxiliam a como áreas disciplinares da Linguística no Brasil podem se repensarem a partir destes pontos abordados por eles.

3. METODOLOGIA

Entendendo pesquisa, nos termos em que a define Minayo (2006, p. 47), “como a atividade básica das Ciências na sua indagação e construção da realidade”, procuramos um tema, ideologia linguística, e delimitamos um objeto capaz de contribuir para a reflexão sobre os caminhos desse tema nos estudos linguísticos. Para os propósitos deste estudo optamos pela pesquisa bibliográfica, no âmbito das

metodologias qualitativas de pesquisa, uma vez que o método qualitativo, de acordo com Denzin e Lincoln (2006, p. 17),

é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. A pesquisa qualitativa é muitas coisas ao mesmo tempo. Tem um foco multiparadigmático. Seus participantes são suscetíveis ao valor da abordagem de múltiplos métodos, tendo um compromisso com a perspectiva naturalista e a compreensão interpretativa da experiência humana. Ao mesmo tempo, trata-se de um campo inerentemente político e influenciado por múltiplas posturas éticas e políticas.

Partindo do que Lakatos (2003) propõe ser uma análise de acordo com a decomposição dos elementos essenciais, a classificação, generalização e análise crítica com base nos dados coletados, pretendeu-se verificar como está a discussão sobre o tema ideologia linguística no Brasil, contribuindo, assim, com um mapeamento indicativo das reflexões e tendências sobre o tema. No primeiro momento, fez-se um reconhecimento do assunto a partir da leitura dos textos discutidos na seção anterior.

Foram escolhidas duas bases de dados: o portal de periódicos da Capes (<http://www.periodicos.capes.gov.br>) e o Scielo (<http://scielo.br/>). Nelas, foi feito o levantamento bibliográfico. Nesta etapa, para fazer o levantamento sobre o tema “ideologia linguística” no Brasil, optou-se por trabalhar apenas com artigos com o seguinte perfil: 1) que possuíssem o termo “ideologia linguística” ou “ideologia da linguagem” no título, no resumo ou nas palavras-chave; 2) que fossem de autoras ou autores brasileiros; 3) que tivessem sido escritos em língua portuguesa e 4) que tivessem sido divulgados em periódicos brasileiros. Não houve delimitação de um período de publicação desses periódicos.

Partindo disso, foram feitos acessos via internet ao portal de periódicos da Capes e ao Scielo, nos dias 06/10/2014 e 20/11/2014. No portal Capes foram dois acessos e no Scielo apenas um acesso. Na página do portal Capes, escolheu-se a seção “periódicos” e foi digitado o termo “ideologia linguística” no campo “busca por assunto”, aparecendo, então, 72 trabalhos relacionados. Por consequência da delimitação da pesquisa, foram excluídos todos os trabalhos que não se enquadravam nos quatro critérios do perfil do corpus da pesquisa, restando então 68 artigos dentro do perfil disponíveis neste portal.

O acesso ao Scielo foi feito após o do portal Capes. Na página inicial do Scielo, tem-se a opção “pesquisa artigos” que foi selecionada “por palavra” no campo “método”, inserindo-se o termo “ideologia linguística” e “ideologia da linguagem” no campo “entre com uma ou mais palavras” e escolhendo Brasil no campo “onde”. Por conseguinte, encontrou-se 06 registros relacionados aos termos. No momento da seleção dos dados, percebeu-se que 2 trabalhos já tinham sido selecionados no portal do Capes, restando 4.

Assim, somando-se os trabalhos coletados no portal Capes e Scielo, totalizaram-se 72 artigos selecionados. Por ser a bibliografia o corpus de análise, posteriormente, passou-se para a etapa de compilação, que é a reunião sistemática de todo material obtido; e de fichamento, que é a sistematização dos dados de maneira exata, conforme propõe Lakatos (2003). Desse modo, reuniu-se todo o material e transferiu-o para uma tabela no Excel. A tabela contém o nome do artigo, o nome do autor, o ano de publicação, o local de publicação, as palavras-chave e o resumo. O objetivo de escolher todas essas subdivisões foi para facilitar a análise e a interpretação do material bibliográfico.

A metodologia selecionada não surtiu o efeito esperado, pois os portais não restringem sua busca de maneira que as duas palavras apareçam somente juntas. Portanto, na sistematização do material na planilha, foi percebido que, apesar de o resultado obtido de 72 artigos, apenas 3 trazem o termo “ideologia linguística”, mas apenas 2 o conceituam e analisam. Os outros trazem os termos separadamente ou até relacionavam o termo ideologia à linguagem ou discurso, mas não os discutiam juntos como um conceito.

Vale ressaltar que os resultados obtidos levam em consideração apenas aqueles artigos que apresentam os termos “ideologia linguística” no título ou no resumo. Pode ser que haja textos que trabalham o conceito no corpo do texto ou tenham uma perspectiva semelhante a deste campo de estudo, mas eles não aparecem disponíveis na base de dados a partir dos critérios utilizados. Discutiremos também os limites da própria metodologia de levantamento nas conclusões.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como já exposto na metodologia, ao finalizar o levantamento, teve-se 72 artigos³. Isto, a priori, foi um bom resultado, pois poderia indicar muita produção sobre o assunto e o uso do conceito. Mas, ao se examinar detalhadamente os artigos, percebeu-se que a extrema maioria traz os termos separadamente, ou até relacionavam o termo ideologia à linguagem ou discurso, mas não discutiam o conceito de ideologia linguística.

Dos 72 artigos encontrados nos dois portais, apenas 3 apresentam o termo ideologia linguística e apenas 2 o discute. Dos outros 69, 12 (CESÁRIO, ALMEIDA 2010; CARDOSO, 2010; GREGOLIN, 2001[1989]; ROSA ET ALL, 2011; CESÁRIO; ALMEIDA, 2008; SILVA, 2012; LAGORIO, 2009; FIORIN, 2008; BARROS, 2009; CUNHA, 2010; MORAES, 2009; LOPES; CARRIERI, 2010) fazem a relação entre ideologia e linguagem numa perspectiva dos estudos sobre discurso, baseados principalmente em Bakhtin (1992), Fairclough (2007), Pêcheux (1983) e Althusser (1983), nos quais a linguagem é vista como veículo para as ideologias, ou ainda onde as ideologias se manifestam, se materializam, como aponta Fiorin (2007).

O artigo que apenas apresenta o termo é *O empréstimo como problema da linguística comparada*, de Wolfgang Roth (1980). O texto trata de como o empréstimo influência nas línguas, se há uma integração ou não e como isso é recebido de acordo com as línguas e as ideologias vinculadas a ela. Nele o termo aparece num sentido condizente com que se buscava, mas apenas para assinalar uma ideologia linguística diretamente, a postura purista com relação a língua francesa: “esta problemática baseada na história da ortografia francesa explicaria também suas reações na ideologia linguística, ou seja o purismo linguístico reinante em certos círculos da França” (ROTH, 1980, p. 170).

Os dois artigos que apresentam e discutem ideologia linguística são: *Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: Ideologia linguística para tempos híbridos* (MOITA LOPES, 2008) e *Políticas linguísticas em uma escola pública de ensino médio e tecnológico: a oferta de línguas estrangeiras* (CÁCERES, 2014). Ambos são bem recentes, 2008 e 2014, e apresentam um tópico exclusivo sobre

3 Para verificar a lista, confira anexos 1 e 2. Neles, os artigos estão referenciados na mesma ordem em que foram encontrados, por relevância.

ideologia linguística, sendo que o tópico de Cáceres (2014) apresenta uma discussão muito mais detalhada.

Moita Lopes (2008) usa Kroskrity (2004) como referência sobre o conceito de ideologia linguística e não elabora um conceito próprio, reproduzindo o conceito dele: “Assim, me apoio na definição de Kroskrity (2004: 498) que compreende ideologia linguística como “crenças, ou sentimentos, sobre línguas, conforme são usados nos mundos sociais [dessas línguas]” (Kroskrity, 2004:498)” (MOITA LOPES, 2008, p. 313).

De mesmo modo, Cáceres (2014) usa Kroskrity (2004) como base, porém adiciona Woolard (1992) a sua discussão e, enquanto Moita Lopes (2008) disponibiliza uma página de discussão para o tópico, ela apresenta um panorama mais amplo sobre ideologia linguística, cerca de 3 páginas. A autora discorre sobre as concepções de ideologias linguísticas apresentadas por Kroskrity (2004) e também apresenta seus cinco níveis de organização (cf. Seção 2).

Em seguida, Cáceres (2014) apresenta quatro dimensões comuns para o termo com base em Woolard (1992), sendo as duas primeiras próximas ao que é proposto por Kroskrity (2004). As dimensões são: 1) tomar o termo como conceitual ou ideal, relacionando-o às crenças, noções, ideias e à consciência; 2) os conceitos ou as noções ideológicas são vistos como um reflexo de (‘derivados das’, ‘baseados nas’ e ‘sensíveis às’) experiências e interesses de uma posição social particular; 3) a ideologia como uma noção de distorção, de falsidade, de mistificação; e 4) ideologia ligada a poder social e legitimação.

A partir da apresentação dos níveis de organização de Kroskrity (2004) e das dimensões comuns de Woolard (1992), Cáceres (2014, p. 109) procura: “encontrar uma concepção que sirva para os propósitos deste trabalho, não focamos na singularidade, mas no que há de comum em torno do significado de ideologia linguística” e elabora a figura abaixo:

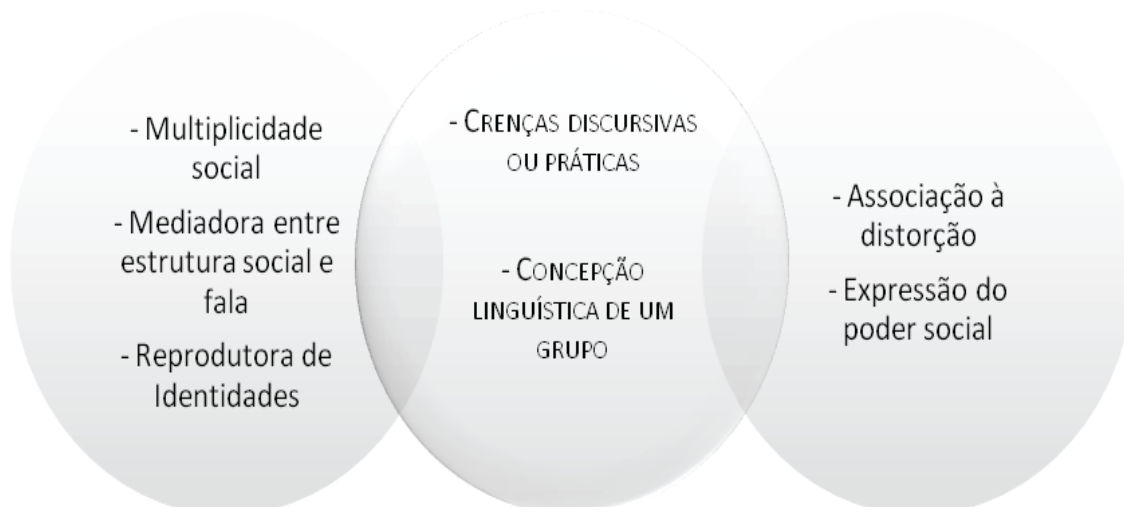


Figura 1. Significados para ideologia linguística, baseados em Kroskrity (2004) e Woolard (1992).

Desta intersecção, surge o conceito adotado no artigo por Cáceres (2014, p. 109):

Considerando as observações feitas, adotaremos o termo ‘ideologia linguística’ como a expressão, explícita ou implícita, das concepções de um grupo sobre as línguas, tomando a ideia de Kroskrity (2004) de que tais concepções ou crenças são construídas também para avaliar essas línguas.

Esse conceito segue o que Silverstein (1979) propõe ao colocar ideologia linguística dentro de uma categoria maior, a metalinguística.

Pode-se perceber, a partir da leitura dos dois artigos, que ambos fazem uma vinculação entre ideologia linguística e políticas linguísticas. Fica explícito em seus textos a necessidade de se pensar ideologias linguísticas para que se pense políticas linguísticas. Moita Lopes (2008) busca relacionar como a globalização e o uso do inglês como língua franca podem ser usados para as mudanças de ideologias linguísticas vinculadas ao status da língua inglesa e ao multilinguismo, ligando o inglês a histórias locais.

Cáceres (2014) também reflete em seu texto sobre como políticas públicas de ensino de línguas estrangeiras numa escola, isto é, políticas linguísticas são elaboradas/adotadas a partir de ideologias linguísticas correntes que são vinculadas a crenças discursivas ou práticas e a concepção linguísticas de um grupo. Para isso, ela

usa o conceito de *governamentalidade* linguística numa discussão sobre como as políticas linguísticas de um governo são associadas a crenças sociais mais amplas:

Com isso, Pennycook parece dizer que as decisões tomadas a respeito do uso da língua regulam não somente a língua per se, mas o pensamento e as ações de uma população sobre a língua. Assim sendo, não só a escolha feita pela(s) língua(s) ensinada(s) na escola, mas o que se faz com elas e o que se pensa delas, são, da mesma forma, expressões dos mecanismos dirigentes dos discursos e das práticas de governo: a governamentalidade (CÁCERES, 2014, p. 113)

Por fim, há ainda nos dois textos algo que tem sido abordado em várias áreas da Linguística, o fato de se tentar uma visão não naturalizante da linguagem, mas sim de construída e que as visões sobre língua e seus derivados são sempre parciais. Mas que, para possamos construir um futuro melhor e mais democrático, é necessário um aumento de consciência e reconhecimento dessas ideologias e estratégias, para se elaborar estratégias/ações para diminuir as inequidades sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da área de estudos sobre ideologias linguísticas ter mais de 30 anos de produção acadêmica em língua inglesa, com projeção internacional⁴, muito pouco tem se produzido no Brasil a partir desta perspectiva. É isto que aponta o resultado de apenas 2 artigos efetivamente trabalharem o conceito de um resultado geral 72 artigos encontrados a partir das expressões “ideologias linguísticas” ou “ideologias da linguagem”. Talvez isto esteja em processo de mudança já que estes dois artigos são recentes, o que aponta que os pesquisadores internacionais da área não têm sido muito lidos aqui, ou, ainda, sua produção não tem surtido efeito no Brasil, o que se deve também, pode-se supor, à pouca tradução dos textos essenciais desta área de estudos linguísticos.

Um possível motivo para tal resultado seria a tradição de pesquisa linguística no Brasil, isto é, uma postura epistemológica mais tradicionalista. A tradição em

4 Esta projeção internacional associada à língua inglesa é ela mesma ideológica, claro!

estudos linguísticos no Brasil, de modo geral, ainda segue bases que são em certo nível modernas/positivistas, as quais são preponderantes, por exemplo, na sociolinguística quantitativa ou em estudos de línguas indígenas que são colocadas como “dados” e tal postura não é problematizada.

Pode ser ainda que os textos e o conceito possam estar sendo usados, mas não apareceram entre os encontrados a partir dos critérios de busca e seleção. Este seria o caso, por exemplo, de quando o conceito seja somente trabalhado no corpo do texto, mas não apareça no título ou resumo. Ainda, o fato de a pesquisa ter por recorte uma base de dados online, e apenas artigos, pode ter deixado o resultado limitado, pois pode ser que produções sobre ideologias linguísticas estejam circulando em outro meio, livros, por exemplo. De qualquer forma, isto significaria que as produções sobre/da área tem tido uma atuação e circulado por ambientes mais restritos, ou ainda tem sido acessada por um grupo menor de pesquisadores e mais especializados, e ela pouco tem sido discutida/acessível dentro dos estudos linguísticos no Brasil.

Pode-se concluir também que há uma tendência em associar ideologias linguísticas a políticas linguísticas, sendo que o potencial da área é muito mais amplo e pode ser aproveitado por outras áreas já bem definidas, como apontaram Woolard e Schieffelin (1994) ao tratar como diferentes áreas abordam ideologia linguística. O texto de Roth (1980), que apenas apresenta o termo, também está concentrado na área e discute políticas linguísticas (o termo é uma das palavras-chave), corroborando esta inferência. De qualquer forma, o fato de se tentar, a partir destas reflexões, ter uma visão não naturalizada da linguagem, mas sim construída e que as visões sobre língua e seus derivados são sempre parciais é positivo e ajuda na conscientização linguística de ambos, linguistas e indivíduos em geral, pois se nossa percepção de língua muda, nossa forma de posicionar e nossa realidade social também tende a mudar.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1992.
- CÁCERES, G. H. *Políticas linguísticas em uma escola pública de ensino médio e tecnológico: a oferta de línguas estrangeiras*. *Trab. Ling. Aplicada*. Campinas, n.53, v.1, p.103-129. 2014.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança social*. Brasília: Ed. UNB, 2007.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ed. Ática, 2007.

- IRVINE, J; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, P. V. (Ed.) *Regimes of language: Ideologies, politics and identities*. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press, p.35-83. 2000.
- KROSKRITY, P. Language Ideology. In: DURANTI, A. (ed.) *A companion to linguistic anthropology*. Malden, MA, USA: Blackwell Publishing, 2004.
- LOPES, L. P. D. M. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. *D.E.L.T.A.: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 2008. v.24, n. 2, p. 309-340.
- PÊCHEUX, M. A análise do discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997.
- ROTH W. O empréstimo como problema da linguística comparada. *Alfa: Revista de Linguística*, 2001. V.24, p. 157-177.
- Silverstein, M. Language Structure and Linguistic Ideology. In: CLYNE, P.; HANKS, W.; HOFBAUER, C. (Eds.). *The Elements*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1979. p.193-248.
- WOOLARD, K. Language Ideology: issues and approaches. *Quarterly Publication of the International Pragmatics Association*, 1992, v.2, n.3, p. 55-82.
- WOOLARD, K. A; SCHIEFFELIN, B. Language Ideology. *Annual Review of Anthropology*. v.23, p.55-82. 1994.

ANEXOS

ANEXO 1 – PORTAL CAPES

LOPES, L.P.D.M. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: Ideologia linguística para tempos híbridos. *D.E.L.T.A.: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 2008. Vol.24 (2), p.309-340.

ROTH, W. O empréstimo como problema da linguística comparada. *Alfa: Revista de Linguística*, 2001. Vol.24.

CESARIO, A. C. C.; ALMEIDA, A. M. C. Discurso e ideologia: reflexões no campo do Marxismo estrutural. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences (UEM)*, 2010. Vol.32 (1), p.1-8.

CARDOSO, A. C. S. Linguagem, discurso e ideologia. *Linguagens e Diálogos*, 2010. Vol.1 (1), p.122.

GREGOLIN M. D. R. F. V. Linguagem e Ideologia. *Alfa: Revista de Linguística*, 2001. Vol.33.

CAMACHO R. G. Norma, ideologia e a teoria da linguagem. *Alfa: Revista de Linguística*, 2001. Vol.25.

RAJAGOPALAN, K.A Ideologia do Suprimido: Ou, como Não Teorizar a Respeito da Ideologia. *D.E.L.T.A.: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 1998. Vol.14 (1), p.121-139.

MADEIRA, R. B. Léxico e ideologia na Europa Ocidental. *D.E.L.T.A.: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 2000. Vol.16 (1), p.189.

SILVA, A. J. D. Tortura e definição lexicográfica: uma análise discursiva. *Entrepalavras: Revista de Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da UFC*, 2012. Vol.2 (1+esp.), p.131.

OLIVEIRA, I. S.; SILVA, R. J. O discurso da revista veja e a construção da imagem do PT. *Recorte*, 2012. Vol.9 (1).

ROSA, I. F.; MESQUITA, D. P. C. D.; CARVALHO, E. M.; FATIMA, S. D. (Re)ler e (res)significar Pecheux em relação a Althusser. *Alfa: Revista de Linguística*, 2011. Vol.55 (1), p.249.

SARDINHA, T. B. Lula e a metáfora da conquista. *Linguagem em (Dis)curso*, 2008. Vol.8 (1), p.93.

CESÁRIO. A. C. C.; ALMEIDA. A. M. C. D. A análise do discurso político. *Acta Scientiarum: Human and Social Sciences*, 2008. Vol.30 (2), p.121.

BENITES, S, A. L. Abordagem do texto jornalístico na escola: uma proposta de oficina. *Acta Scientiarum: Human and Social Sciences*, 2001. Vol.23, p.33.

- BARROS, D. L. P. D. Publicidade e figurativização. *Alfa: Revista de Linguística*, 2004. Vol.48 (2)
- ROMÃO, L. M. S.; PACIFICO, S. M. R. De ferida a cicatriz: a persistência do trabalho escravo no mundo dos agronegócios. *Alfa: Revista de Linguística*, 2005. Vol.49 (1), p.185.
- LEAL, M. C. D. O discurso jornalístico sobre privatizações e protestos nas ruas. *D.E.L.T.A.: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 2005. Vol.21 (spe), p.73.
- ROMÃO, L. M. S.O cavalete, a tela e o branco: introdução à autoria na rede eletrônica. *D.E.L.T.A.: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 2006. Vol.22 (2), p.303.
- PIETROLUNGO, M. A. A memória e o sujeito: impasses e contribuições da leitura em língua estrangeira. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, 2002. Vol.7.
- SILVA, M. B. D. Imagens da terceira idade: um estudo sobre a representação do idoso veiculada em duas propagandas da televisão brasileira. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 2012. Vol.33 (1), p.91.
- ANDO, M. Y. Uma leitura interdisciplinar de estudos sobre leitura. *Acta Scientiarum. Language and Culture (UEM)*, 2009. Vol.31 (1), p.85.
- MARIANI, B. Textos e conceitos fundadores de Michel Pecheux: uma retomada em Althusser e Lacan. *Alfa: Revista de Linguística*, 2010. Vol.54 (1), p.113.
- LAGORIO, C. A. Léxico, dicionários e tradução no período colonial hispânico. *Alea: Estudos Neolatinos*, 2009. Vol.11 (2), p.309.
- FIORIN, J. L. Linguagem e interdisciplinaridade. *Alea: Estudos Neolatinos*, 2008. Vol.10 (1), p.29.
- GRILLO, S. V. D. C. Gêneros primários e gêneros secundários no círculo de Bakhtin: implicações para a divulgação científica. *Alfa: Revista de Linguística*, 2008. Vol.52 (1), p.57.
- CAMPOS, M. I. B. Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável. *Alfa: Revista de Linguística*, 2011. Vol.55 (1), p.329.
- MARONEZE, B. Ordem de adição de afixos no Português Brasileiro: dados de unidades lexicais neológicas. *Alfa: Revista de Linguística*, Jan, 2012, Vol.56 (1), p.201.
- MARQUES, S. M. K. Relação poder-saber e formas de resistência em documentos educacionais governamentais sobre ensino de língua estrangeira. *Alfa: Revista de Linguística*, 2012. Vol.56 (1), p.271.
- PIOVEZANI, C. Usos e sentidos da voz no discurso político eleitoral brasileiro. *Alfa: Revista de Linguística*, 2011, Vol.55(1), p.163.
- MAGALHAES, A. S. Nascimento e morte da lei de imprensa no Brasil: representações discursivas de autoria em jornalismo. *Alfa: Revista de Linguística*, 2011. Vol.55 (1), p.177.
- VENTURINI, M. C. O sujeito porta-voz e sempre um nos em construção? *Alfa: Revista de Linguística*, 2012. Vol.56 (1), p.293.

- BARROS, D. L. P. D. Uma reflexão semiótica sobre a "exterioridade" discursiva. *Alfa: Revista de Linguística*, 2009. Vol.53 (2), p.351.
- PINHEIRO, P. A. Gêneros (digitais) em foco: por uma discussão sócio-histórica. *Alfa: Revista de Linguística*, 2010. Vol.54 (1), p.33.
- CUNHA, G. X. A função de conectores argumentativos no texto da proposta curricular de Minas Gerais. *Alfa: Revista de Linguística*, 2010, Vol.54 (1), p.203.
- MORAES, E. D. Teorias semânticas e a implicação na língua(gem). *Alfa: Revista de Linguística*, 2009, Vol.53 (1), p.261.
- IGNACIO, S. E. Parâmetros para um dicionário de valência verbal. *Alfa: Revista de Linguística*, 2005, Vol.49 (1), p.87.
- MARIANO, M. R. C. P. Usos e efeitos de estratégias argumentativas em avaliações no ensino superior. *Alfa: Revista de Linguística*, 2005. Vol.49 (1), p.51.
- FIORIN, J. L. Semiótica das paixões: o ressentimento. *Alfa: Revista de Linguística*, 2007. Vol.51 (1), p.9.
- NASCIMENTO, E. M. F. D. S. Prudência e aventura: revista o cruzeiro e formas de vida da mulher da década de 40. *Alfa: Revista de Linguística*, 2009. Vol.53 (2), p.619.
- DURANTE, D. A representação da oralidade nos textos publicitários. *Alfa: Revista de Linguística*, 2004. Vol.48 (2), p.117.
- THOMAZI, S. R. L. A perífrase conjuncional "só que": invariância e variantes. *Alfa: Revista de Linguística*, 2003. Vol.47 (2), p.139.
- NUNES, J. H.; SELIGMAN, K. Discurso lexicográfico: as reedições do Dicionário da língua portuguesa de Moraes. *Alfa: Revista de Linguística*, 2003. Vol.47 (1), p.37.
- ARROJO, R. Modernidade e o desprezo pela tradução como objeto de pesquisa. *Alfa: Revista de Linguística*, 2000. p.71.
- RODRIGUES, C. C. Tradução: a questão da equivalência. *Alfa: Revista de Linguística*, 2000. p.89.
- MORENO, S.; OLIVEIRA, P. Da servilidade da tradução subversiva: servir a quem, por que? *Alfa: Revista de Linguística*, 2000, p.131.
- MELLO, G. D.; VOLLET, N. L. R. A ética e o pós-colonialismo: uma prática de tradução. *Alfa: Revista de Linguística*, 2000, p.169.
- MATRACA, M. V. C.; WIMMER, G.; JORGE, T. C. D. A. Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2011. Vol.16 (10), p.4127.
- NOBREGA, J. D.; ANDRADE, A. B. D.; PONTES, R. J. S.; BOSI, M. L. M.; MACHADO, M. M. T. Identidade surda e intervenções em saúde na perspectiva de uma comunidade usuária de língua de sinais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2012. Vol.17 (3), p.671.

REDMOND, W. V. De Swift a Sterne: reflexões sobre o humor britânico na obra de Machado de Assis. *Acta Scientiarum: Language and Culture (UEM)*, 2011. Vol.33 (1), p.81.

LOPES, F. T.; CARRIERI, A. D. P. Fotografias de família pela ótica das sucessoras: um estudo sobre uma organização familiar. *R.A.C.: Revista de Administração Contemporânea*, 2010. Vol.14 (3), p.478.

ALOS, A. P. Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética queer. *Revista Estudo Feministas*, 2010. Vol.18 (3), p.837.

BATISTA, E. L. A. D. O. Tradução, viagem, literatura: (re)escrevendo e colonizando uma cultura. *Alea: Estudos Neolatinos*, 2009. Vol.11 (2), p.296.

MELO, P. B. D. A intervenção cultural do discurso cinematográfico: os sentidos da ditadura militar no Brasil. *Revista Famecos - Mídia, Cultura e Tecnologia*, 2010. Vol.17 (2), p.68.

BISPO, M. D. S.; GODOY, A. S. A etnometodologia enquanto caminho teórico-metodológico para investigação da aprendizagem nas organizações. *R.A.C.: Revista de Administração Contemporânea*, 2012. Vol.16 (5), p.684.

MARRECO, M. I. D. M. Questões de gênero: incontáveis caminhos no universo da literatura. *Revista Estudo Feministas*, 2009, Vol.17 (2), p.623.

FREITAS, E. C. D.; KRAI, L. S. Gestão organizacional em empresas familiares no Vale do Rio Dos Sinos. *Revista de Gestão USP*, 2010. Vol.17 (4), p.387.

FIORIN, J. L. Língua, discurso e política. *Alea: Estudos Neolatinos*, 2009. Vol.11 (1), p.148.

BRANDILEONE, A. P. F. N. Cyro dos Anjos: a outra face de uma mesma moeda. *Acta Scientiarum: Language and Culture (UEM)*, 2009. Vol.31 (1), p.1.

BORIM, D. Roçando a língua de Camões: Reverencia e dessacralização do idioma português em Caetano Veloso. *Luso-Brazilian Review*, 2005. Vol.41 (2), p.126-143.

CURY, M. Z. F. Os Sertões, de Euclides da Cunha: Espaços. *Luso-Brazilian Review*, 2004. Vol.41 (1), p.71-79

BÉ; HAGUE, G. Perspectivas atuais na pesquisa musical e estratégias analíticas da Música Popular Brasileira. *Latin American Music Review*, 2006. Vol.27 (1), p.69-78.

KHAN, S. Identidades sem chão - Imigrantes afro-moçambicanos: Narrativas de vida e de identidade, e percepções de um Portugal pós-colonial. *Luso-Brazilian Review*, 2007. Vol.43 (2), p.1-26.

PELLEGRINI, T. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. *Luso-Brazilian Review*, 2004. Vol.41 (1), p.121-138.

RIBEIRO, L. Repensando a tradição: a variabilidade estilística na arte rupestre do período intermediário de representações no alto-médio rio São Francisco. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2007. Vol.17, p.127

GOMES, M. H. D. A.; GOLDENBERG, P. Retrato quase sem retoques dos egressos dos programas de pós-graduação em Saúde Coletiva, 1998-2007. *Ciência & Saúde Coletiva*, July, 2010. Vol.15 (4), p.1989

ALOS, A. P. Não contar a ninguém ou contar a todo mundo? Colapsos da masculinidade em *No se lo digas a nadie*. *Revista Estudo Feministas*, 2013. Vol.21 (1), p.343.

TFOUNI, L. V.; MOURARIA, C. G.; FERRIOLLI, B. H. V. M. Reflexões sobre a queixa muda da anoréxica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2011. Vol.27 (3), p.363.

SOUZA, S. S.; SILVA, A. R. L.; SILVA JÚNIOR, A. D.; SILVA, P. O. M. O processo de formação de estratégias na instituição de educação superior privada: múltiplos interesses articulados no formalismo. *Revista de Gestão USP*, 2012. Vol.19 (3), p.431.

ANEXO 2 – SCIELO

ROMAO, L. M. S. O grito que faz nascer a manhã (ou o amanhã). *Revista Brasileira De Linguística Aplicada*, 2005. Vol. 5 (1).

MARTINS, C. M. Para uma crítica da economia linguística: o apagamento da ontologia social da língua e do sujeito-falante a partir de Locke. *Linguagem em(dis)curso*, 2012, vol.12 (2), p. 595-621.

SARDINHA, T. B. Lula e a metáfora da conquista. *Linguagem em (dis)curso*, 2008. vol.8 (1), p. 93-120.

LOPES, L. P. D. M. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. *D.E.L.T.A.: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 2008. vol. 24(2), p. 309-340.

SZUNDY, P. T. C. Educação como ato responsável: a formação de professores de linguagens à luz da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n(53.1): 13-32, jan./jun. 2014.

CÁCERES, G. H. Políticas linguísticas em uma escola pública de ensino médio e tecnológico: a oferta de línguas estrangeiras. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n(53.1): 103-129, jan./jun. 2014.